

## RESENHA:

### **SANTOS, Ynaê Lopes dos. Racismo brasileiro: uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022.**

*Márcia Maria Silva Peixoto* \*



Imperatriz (MA), v. 4, n. 7, p. 76-78, jul./dez. 2022  
ISSN 2675-0805

Recebido em: 26 de janeiro de 2023

Aprovado em: 02 de fevereiro de 2023

O recente livro da autora paulista Ynaê Lopes dos Santos, doutora em História Social pela Universidade de São Paulo e professora no Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, abre-se com uma referência histórica aos encontros entre o sábio Demócrito e o pai da medicina moderna, Hipócrates. Segundo a história, Hipócrates foi convocado a analisar o comportamento do sábio da cidade de Abdera que, de acordo com os conselheiros da cidade, se comportava como louco, pois passou a proferir certas afirmações contrárias ao pensamento comum da época. O certo é que, para Hipócrates, as alegações de Demócrito partiam de sua lucidez e, na verdade, demonstravam suas opiniões acerca de determinados assuntos. Mora nesse episódio a distinção entre os conceitos de opinião e verdade: doxa e aletheia.

Essa retomada do conto grego é uma introdução ao que a autora define ser o livro: um presente de grego, em outra referência à história grega da Guerra de Tróia, pois julga que a dicotomia entre verdade e opinião pode apresentar nuances que se revelarão como um “presente de grego”, pois pode não trazer muita felicidade ao leitor ao se deparar com as verdades sobre as origens do racismo brasileiro que estão apresentadas ao longo dos capítulos. Assim, a autora nos provoca a encarar a nossa história pelo prisma da aletheia, a verdade, em oposição à atual versão brasileira reproduzida que nega o racismo e que o mantém no campo da opinião, como ainda são tratados os casos de racismo contemporâneos.

No intuito e reafirmar o racismo como uma verdade presente e intrínseca à nossa sociedade, presente nas estruturas de nossas relações e tema concernente à população negra, a autora nos situa na análise historiográfica da formação do Brasil destacando que “(...) não há história do Brasil sem o racismo” (SANTOS,

\* Mestre em Ensino de Humanidades - IFES (02/07/2019) Licenciatura Plena História pelo Centro Universitário São Camilo - ES (2009). Graduação em Geografia pela FANAN (2015). Licenciatura em Pedagogia - UniFCV (2021). E-mail: marcinhapeixoto@gmail.com; ORCID: 0000-0003-3540-6775.

2022, p. 16), que é um sistema de poder e opressão construído de maneira histórica. Destacam-se, ainda, as referências a outros estudiosos do tema e suas valiosas contribuições bem como os movimentos de luta e resistência da população negra.

Seguindo a historiografia e suas divisões tradicionais, o livro traz uma análise do processo constitutivo do país seguindo a ordenação curricular a que estamos habituados e nos provoca a reconhecer como o racismo está presente nessas fases da História. A cronologia historiográfica dos capítulos segue a perspectiva colonialista que construiu e reproduziu nossa História pelo ponto de vista das classes políticas dominantes do país. Isso feito com a prerrogativa de revisitar criticamente essas construções e narrativas.

A parte 1 do livro, intitulada “A Colônia”, é constituída de quatro capítulos que compreendem a saga das disputas entre as dinastias de Portugal e o papado católico, os conflitos e os sistemas de poder e a soberania e suas implicações nas visões sobre a humanidade e outros povos. A autora traça um paralelo dessas relações entre as dinastias e a formação de Portugal e entre as figuras exaltadas como pioneiros das navegações e o estabelecimento das demandas escravocratas, do tráfico transatlântico e de dominação na exploração da “terra brasilis” que incluem os indígenas locais. Isso feito com a preocupação de jogar luz sobre as relações de poder que acabaram por estabelecer a gênese do racismo que se implantou e desenvolveu durante todo o período colonial e para além dele.

Na segunda parte, “O império do Brasil”, os capítulos cinco ao oito discorrem sobre as relações de poder que se estabeleceram no período de Independência e se firmaram em uma historiografia marcada pela exaltação de grandes nomes do período imperial. Destacam-se os movimentos e as insurreições abolicionistas, suas referências nas américas, as suas influências e, com da Revolução do Haiti, as perspectivas iluministas de conceitos como raça, liberdade e igualdade que se difundiram por aqui. A autora se aplica à fundamentação teórica desses conceitos e do levante iluminista que se expandia pelo mundo em revolução e do contraponto escravagista que se perpetuava no Império brasileiro diante das dinâmicas sociais e comerciais no período e conduz o leitor aos levantes abolicionistas, às leis abolicionistas, à proibição ao tráfico, aos percursos percorridos e a fatos pontuais que compõem o movimento em vários pontos do Império que conduziram ao marco datado da Abolição de 1888. Destaca-se a preocupação em manter o fio condutor da escrita que se debruça em identificar as camadas da construção racista que fundamentam esses episódios que apagaram desses processos os diferentes e inúmeros sujeitos históricos, não brancos, que dele fizeram parte.

A parte três, “A República”, apresenta como as grandes transformações políticas, sociais e econômicas contribuíram para perpetuar e acentuar o projeto de exclusão no qual os negros libertos, entre outros sujeitos, foram inseridos. O projeto de modernização e civilidade da Nova República ainda estava sob domínio do racismo científico e do mito da superioridade racial, social e política. A autora, mais uma vez, destaca as revoltas, insurreições, greves e movimentos que se opunham ao novo regime. Analisa, ainda, a constituição de 1891 problematizando

o caráter excludente e que privilegiava poucos, perpetuando a marginalização social, política e econômica da maioria da população brasileira. Ressalta a problemáticas das relações de trabalho, do fortalecimento das políticas migratórias, do código penal e dos aspectos de políticas coronelistas nas diversas regiões do país. No capítulo 10, a “Era Vargas” é apresentada sob a crítica ao mito da Democracia Racial no contexto histórico e suas correlações com a cultura e a sociedade nacionalista que pretendia exaltar. A autora cita Gilberto Freyre e sua mais falada obra “Casa Grande e Senzala” e o alinhamento social que se estabeleceu naquele período. Destacam-se os projetos nacionalistas e o pensamento social que negavam a existência de racismo em uma sociedade na qual a casa grande e a Senzala viviam de forma harmoniosa no “Brasil oficial”. Nos capítulos que se seguem, os casos contemporâneos de racismo nos apontam a dimensão das mazelas sociais motivadas pelo racismo no Brasil.

Por fim, de Hipócrates a Marielle Franco, a autora nos conduz por uma viagem histórica em um percurso pedregoso, que nos aperta o peito, nos dá suspiros de orgulho, enche os olhos de lágrimas e o peito de indignação e termina por nos apontar um caminho para o fortalecimento de nossa caminhada. A periodicidade histórica é ressignificada em uma trilha que desvela segredos e detalhes ocultados por uma história oficial eurocêntrica e focada na versão das classes dominantes política e economicamente. A leitura é indicada, para historiadores e pesquisadores negros e não negros, estudantes e todos que se comprometem com uma educação antirracista.